

# REDAÇÃO

com Fernanda Pessoa



**Algumas teorias novas,  
nossos teóricos e nossas  
ideias sobre tudo:**

Escritora e ativista  
transfeminista Helena Vieira



## ESCRITORA E ATIVISTA TRANSFEMINISTA HELENA VIEIRA

### QUEM É HELENA VIEIRA?



É escritora e ativista transfeminista que tem atuado com força no cruzamento entre **arte, política, corpo e linguagem**. Com trajetória que passa pela academia, pelos palcos e pelas ruas, ela articula suas ideias como quem dança entre fraturas: da norma de gênero, do cânone cultural, da branquitude, do saber instituído. Não se trata apenas de falar sobre “inclusão”, mas de **reimaginar o mundo desde os corpos que ele tentou apagar**. Atua intensamente no ativismo transfeminista, LGBTQIAPN+ e na consultoria para mídia sobre diversidade

**“Padrões são mecanismos de controle sobre as minorias”.**

### LIVROS PUBLICADOS:



“*Tem Saída? Ensaios sobre o Brasil*” (2017), organizado por Joanna Burigo; “*Explosão Feminista*” (2018), organizado por Heloísa Buarque de Hollanda; “*História do Movimento LGBT*” (2018), organizado por James Green e Renna Quinalha; “*Ninguém solta a mão de ninguém*” (2019), organizado por Tainá Brito.

Também estudei as ideias da filósofa Judith Butler e da filósofa Djamila Ribeiro para montar o material de vocês.

### TEMAS CENTRAIS DE ESTUDO DA ESCRITORA:

**gênero, transfeminismo, representatividade, corpo e linguagem, epistemologias dissidentes, violência estrutural e visibilidade política.**

### ALGUNS TEMAS DE REDAÇÃO E DA VIDA:

- \* Identidade de gênero e políticas públicas
- \* Direitos das pessoas trans
- \* Visibilidade e inclusão
- \* Identidade de gênero
- \* Transfobia e violências estruturais
- \* Representatividade e poder simbólico
- \* Corpo, linguagem e subjetividade
- \* Inclusão para além da visibilidade
- \* Cultura e estética como resistência política
- \* Representatividade na mídia
- \* Cultura e política do corpo
- \* Epistemologias periféricas
- \* Papel da linguagem na exclusão ou resistência



### O QUE ESTÁ EM JOGO NA OBRA DE HELENA VIEIRA?

Ela escreve para **desobedecer** às normas de gênero, às hierarquias do saber, à lógica do silenciamento, mas sua desobediência é sempre proposital: **ela desorganiza para reconstruir**.

**PS.: Euzinha tentando facilitar ainda mais a sua vida.**

### PARA RESUMIR A OBRA DESSA MULHER TÃO FORTE E CORAJOSA, EU DIRIA QUE:

- \* **Quanto ao gênero, à sexualidade e à identidade:** ela questiona a ideia de gênero como natural, propõe fluidez e performance.
- \* **Quanto à diversidade e à representatividade:** ela defende a necessidade de visibilidade real (não apenas simbólica).
- \* **Quanto aos feminismos e à interseccionalidade:** sua abordagem transfeminista questiona estruturas patriarciais, racistas e capacitistas.

- \* **Quanto à democracia digital:** ela propõe ações de combate ao discurso de ódio.
- \* **Quanto à cultura e à comunicação:** o seu trabalho é a articulação entre arte, mídia e transformações culturais.

### Seu pensamento é, ao mesmo tempo, político, poético e epistêmico:

- \* **Político:** questiona o poder, o Estado, a violência simbólica.
- \* **Poético:** reinventa a linguagem, afeta, pulsa.
- \* **Epistêmico:** propõe outras formas de saber e de pensar a partir das margens.

### IDEIAS PRINCIPAIS DA ESCRITORA (VOU EXPLICAR TODAS ELAS MAIS ABAIXO):

1. O gênero não é essência: é performance, norma e disputa
2. O transfeminismo como proposta ética, política e estética
3. A luta não é apenas por visibilidade, mas sim por narrativa e poder
4. O corpo é texto, é resistência e é política
5. A violência estrutural, a cisnormatividade e o combate ao discurso de ódio nas redes
6. O ativismo acadêmico e prático

### DETALHANDO OS TÓPICOS:

#### 1. O gênero não é essência: é performance, norma e disputa

##### Identidade de gênero e construção social

Inspirada por autoras como **Judith Butler**, Helena Vieira defende que o gênero **não é um dado natural**, mas um **conjunto de regras culturais** que nos são ensinadas e cobradas desde o nascimento. Em vez de ver o “homem” ou a “mulher” como categorias fixas e biológicas, ela propõe enxergar o gênero como **performance social**, como algo que se faz, se atua e se contesta.

Para ela, ser trans não é romper com a natureza: é revelar que **o que a sociedade chama de natural é, na verdade, histórico e político**.

##### Pontos de destaque de uma de suas obras:

- \* A identidade de gênero, longe de ser uma essência imutável, é uma ficção social sustentada pela repetição de normas que Helena Vieira propõe desmontar.
- \* Quando o gênero é tratado como verdade natural, invisibilizam-se as múltiplas formas de existir que escapam à lógica binária imposta desde o nascimento.
- \* Helena Vieira nos lembra que ser trans não é romper com a natureza, mas revelar que o que chamamos de natural é, na verdade, político.



### Tópicos frasais e bons sinônimos:

A identidade de gênero não deve ser compreendida como essência imutável, mas como construção histórica e social.

A identidade de gênero não nasce pronta, ela é formada por processos culturais, históricos e políticos.

Longe de ser uma verdade natural, o gênero é um arranjo simbólico moldado por normas sociais.

A ideia de gênero não corresponde a uma essência biológica, mas a uma construção social marcada por disputas e convenções.

O que se entende por identidade de gênero resulta menos da biologia e mais da cultura que define papéis e comportamentos.

A identidade de gênero é uma ficção normativa, produzida e mantida por regras sociais historicamente instituídas.

Compreender o gênero como construção coletiva e não como destino biológico é essencial para ampliar os horizontes da cidadania.

O gênero não deve ser visto como algo fixo e natural, mas como um conjunto de práticas reguladas socialmente.

A identidade de gênero é resultado de condicionamentos sociais e históricos, e não de uma verdade imutável.

Tratar o gênero como construção cultural, e não como essência, é o primeiro passo para desmontar os mecanismos que excluem.

A identidade de gênero reflete os códigos e valores de cada sociedade, não uma condição inata ou universal.

### O que isso significa?

No Brasil, ainda muito é presente no senso comum a ideia de que **ser homem ou mulher é algo natural, fixo e determinado biologicamente no nascimento**. É fundamental saber que a **identidade de gênero não é o destino genético, é uma construção social**. Isso significa que o modo como uma pessoa se entende no mundo como homem, mulher ou fora dessas categorias **depende de normas sociais, discursos religiosos, instituições educativas, práticas linguísticas, expectativas culturais e relações de poder**.

Desde cedo, a sociedade é ensinada, por meio de cores, roupas, brinquedos, regras e punições, a como **deve se comportar de acordo com o gênero que foi atribuído teoricamente no nascimento como uma categorização biológica**. A escola reforça essas normas. A mídia repete essas imagens. A família regula, e o Estado define padrões e documentos que tentam fixar o que, na verdade, é **fluido, plural e atravessado por muitas histórias possíveis**.

### Por que esse problema persiste no Brasil?

O problema persiste porque **o Brasil ainda é profundamente estruturado por uma cultura conservadora e cisnormativa**, que **naturaliza o binarismo de gênero** (homem/mulher) e marginaliza qualquer identidade que não se encaixe

nesse molde. As escolas públicas, na maioria das vezes, **não estão preparadas para lidar com a diversidade de gênero de forma respeitosa e crítica**. A mídia tradicional ainda reforça estereótipos e invisibiliza corpos trans e não binários, enquanto setores religiosos influentes **alimentam discursos de ódio travestidos de defesa da família**.



Além disso, o Estado brasileiro **ainda falha em garantir políticas públicas eficazes** para acolher, proteger e reconhecer pessoas trans e não conformes com a norma. A con-

sequência disso é **a exclusão institucionalizada, a violência simbólica e física, e a negação de direitos fundamentais como saúde, educação e trabalho**.

Em outras palavras, o problema persiste porque **a ideia de gênero como construção ainda ameaça um modelo social que se sustenta na fixação de papéis, no controle dos corpos e na negação da pluralidade**.

**Enquanto o Brasil insistir em tratar o gênero como destino biológico, continuará produzindo exclusão como regra e silenciando existências como se fossem erro.**

#### Parágrafo de FPzinha (denunciem pirataria por favor)

**Nesse sentido, observa-se que a identidade de gênero é moldada por processos culturais, históricos e políticos que determinam quais corpos podem existir sem justificativa.** Isso ocorre, porque, desde a infância, a sociedade impõe expectativas baseadas no sexo atribuído no nascimento, regulando comportamentos, emoções e aparências por meio de normas escolares, discursos religiosos, políticas públicas e linguagens institucionais. Essa imposição não decorre da biologia, mas de um sistema normativo que, ao naturalizar o binarismo de gênero, transforma a diversidade em desvio. Sob esse viés, de acordo com a escritora Helena Vieira, o que se chama de “normal” é, na verdade, uma construção sustentada por interesses de poder e isso denuncia tanto o caráter político da identidade quanto a necessidade urgente de que os corpos dissidentes sejam reconhecidos não como exceções, mas como parte legítima da vida social. Assim, pensar o gênero como construção (e não como essência) é o primeiro passo para desmontar os alicerces de um modelo que transforma a diferença em silêncio e a diversidade em ameaça.

#### Parágrafo de FPzinha (denunciem pirataria por favor)

**Nesse sentido, observa-se que a imposição de um modelo único de identidade de gênero é reforçada cotidianamente por instituições que operam como instrumentos de controle simbólico e material.** Isso ocorre, porque a exclusão é parte da engrenagem que organiza a vida em sociedade. Essa estrutura normativa, ao estabelecer a cisgeneridez como padrão universal, converte a diferença em anomalia e legitima a violência contra corpos que não se enquadram no molde hegemônico: escolas negam o uso do nome social, sistemas de saúde ignoram protocolos específicos para pessoas trans e legislações omitem a autodeterminação de gênero. Sob esse viés, nota-se de uma exclusão violenta e estrutural, pois, de acordo com a escritora e ativista Helena Vieira, essa violência não é apenas física ou verbal, mas epistêmica, pois atua no apagamento de saberes, dos afetos e das possibilidades de existência. Assim, garantir o reconhecimento pleno das identidades trans exige confrontar não apenas indivíduos preconceituosos, mas as bases institucionais que sustentam esse modelo excluente.

## 2. A Transfeminismo como proposta ética, política e estética

- \* Ela traz uma perspectiva **transfeminista**, que não apenas inclui pessoas trans no feminismo, mas **reorganiza o próprio centro do debate**:
- \* É lutar contra o **cissexismo** e a imposição de corpos normativos;
- \* É denunciar como a lógica patriarcal **controla corpos e regula desejos**;
- \* É propor outras formas de viver o cuidado, o prazer, o afeto e o pensamento.
- \* Para ela, o transfeminismo é um convite à escuta e à desorganização do mundo tal como ele foi organizado pela norma.

#### Pontos de destaque de uma de suas obras:

- \* O transfeminismo, para além de uma bandeira identitária, representa uma reorganização radical do debate político, ético e estético em torno do corpo, do afeto e do saber.
- \* O transfeminismo desestabiliza certezas históricas: ele descentraliza o poder, rompe com a cisnormatividade e convida à escuta de quem sempre foi silenciado. Ao propor que os corpos dissidentes sejam não apenas visíveis, mas ouvidos e legitimados, o transfeminismo transforma o grito em gesto político.



**ANOTAÇÕES**

### Parágrafo de FPzinha (denunciem pirataria por favor)

**Tema:** O transfeminismo como reestruturação política do corpo e do saber

**Com base nesse cenário, nota-se que o transfeminismo, mais do que uma pauta identitária, representa uma ruptura com os fundamentos normativos que sustentam a política, a linguagem e a própria ideia de corpo legítimo.** Isso ocorre, porque, de acordo com a escritora e ativista Helena Vieira, essa perspectiva desloca o debate de gênero da ideia de inclusão para a necessidade de desorganizar as estruturas que historicamente definiram quem pode existir com dignidade. Em outras palavras, a experiência trans não deve apenas ser acolhida, ela precisa ser reconhecida como força epistêmica capaz de refundar o centro a partir das bordas. Essa afirmação dialoga com a teoria performativa do gênero desenvolvida pela filósofa Judith Butler, ao apontar que o gênero não é essência, mas é repetição normatizada, que pode (e deve) ser subvertida. Assim, o transfeminismo não propõe apenas a ampliação de direitos, mas a criação de novos marcos de inteligibilidade, em que o corpo dissidente não seja tolerado como exceção, mas celebrado como agente de reestruturação social, estética e afetiva.

### Parágrafo de FPzinha (denunciem pirataria por favor)

**Tema:** Transfeminismo, escuta radical e descolonização do olhar

**Além disso, é fundamental entender que proposta transfeminista ultrapassa o campo da reivindicação por direitos e opera como um projeto ético de descolonização do olhar, da linguagem e do afeto.** Isso ocorre, porque, de acordo com a escritora e ativista Helena Vieira, a escuta de corpos dissidentes não deve se limitar à representação estética, mas se tornar prática política transformadora. Nesse sentido, nota-se que a sociedade precisa questionar suas bases cisnormativas e reconhecer as experiências trans como epistemologias válidas. Em outras palavras, há a urgência de um feminismo que parte da interseccionalidade, ou seja, da sobreposição de opressões que atravessam raça, classe, gênero e territorialidade. Assim, pensar o transfeminismo sob esse prisma exige uma escuta que desfaça o privilégio epistêmico do sujeito universal branco e cisgênero, permitindo que outras narrativas (negras, trans, periféricas) reescrevam o mundo a partir de si mesmas. Dessa forma, observa-se que está em jogo não é apenas o reconhecimento da diferença, mas a refundação do comum a partir da pluralidade insurgente.

## 3. A luta não é apenas por visibilidade, mas sim por narrativa e poder

Critica o uso superficial da representatividade, como quando empresas e instituições colocam pessoas trans em campanhas publicitárias, mas não nas mesas de decisão. Ela defende que **não basta aparecer — é preciso narrar, criar, escrever, dirigir e construir sentido a partir dos próprios corpos e histórias.**

“Representar” sem redistribuir poder é, para ela, mais um capítulo da lógica de exclusão travestida de inclusão.

### Pontos de destaque de uma de suas obras:

- \* A representatividade simbólica, quando não vem acompanhada da redistribuição real de poder, serve mais à estética da inclusão do que à ética da justiça.
- \* Ela denuncia que aparecer não basta, é preciso participar das decisões, escrever as narrativas e transformar os bastidores.
- \* Sem escuta ativa e presença política, a representatividade se transforma em vitrine: exibe corpos diversos, mas conserva estruturas desiguais.

## 4. O corpo é texto, é resistência e é política:

### Epistemologias dissidentes e crítica ao saber normativo

Escreve sobre e com corpo — **não como biologia, mas como território de linguagem.** O corpo trans, especialmente o corpo trans racializado e periférico, é tratado como **zona de conflito e de criação.** É a partir dele que ela propõe novas gramáticas do sentir, do pensar e do imaginar.

A literatura, o teatro e a arte não são apenas espaços de denúncia, mas de **reconstrução simbólica de mundos possíveis.**

Na verdade, ela discorre sobre a importância de estarem presentes corpos diversos — especialmente corpos trans, gordes, pretos — no espaço cultural e midiático, desconstruindo narrativas que os invisibilizam e combatendo estereótipos.



### Pontos de destaque de uma de suas obras:

- \* Ela desafia o saber hegemônico ao propor que os corpos dissidentes não apenas existam, mas produzem conhecimento desde suas dores, potências e ausências.
- \* Pensar desde as margens é mais do que mudar o ponto de vista, é reconstruir os próprios alicerces do pensamento.
- \* As epistemologias dissidentes desestabilizam o privilégio epistêmico de quem sempre ocupou o centro e mostram que há saberes que não cabem nas bibliotecas, mas vivem nos corpos.
- \* O corpo é texto: ele escreve, denuncia, performa e cria novos mundos onde antes só havia silêncio.
- \* Toda norma de linguagem que exclui, cala ou corrige o corpo dissidente é um gesto de violência e escrever contra essa norma é também um ato de existência.
- \* A linguagem, quando se abre ao tremor dos corpos trans, deixa de organizar o mundo para escutá-lo em sua pluralidade inquieta.

## 5. Violência estrutural, cismotividade e combate ao discurso de ódio nas redes

Por meio de consultorias com SaferNet e Google, ela atua na formulação de estratégias para enfrentar discursos misóginos, transódios, racistas e LGBTQIA+ em vários espaços, inclusive, nas plataformas digitais.



### Pontos de destaque de uma de suas obras:

- \* A violência contra pessoas trans não começa na agressão física, mas no projeto social que lhes nega nome, afeto e dignidade.
- \* A cismotividade, ao se colocar como norma silenciosa, constrói muros invisíveis que excluem mesmo quando ninguém grita.
- \* O preconceito não está apenas no ódio explícito, mas também na naturalização de sistemas que impedem certas vidas de florescer.

## 6. Ativismo acadêmico e prático

### Visibilidade política e reexistência

Suas palestras em eventos como “Arte Queer” (Sesc), consultorias em dramaturgia e colaborações em novelas e documentários traduzem seu compromisso entre teoria e prática, contribuindo para uma cultura sensível à diversidade.

### Pontos de destaque de uma de suas obras:

- \* A visibilidade sem escuta é espetáculo; com escuta, é revolução.
- \* Ser trans, para Helena Vieira, não é apenas ser visível, é ser presença política que desafia o apagamento histórico.
- \* A reexistência é o gesto de quem, mesmo expulso das narrativas centrais, insiste em escrever o próprio nome na página.



### Parágrafo de FPzinha (denunciem pirataria por favor)

**Tema:** Identidade de gênero e construção social

**Com base nesse cenário, é válido entender que a identidade de gênero não deve ser compreendida como essência imutável, mas como construção histórica e social.** Sob esse viés, nota-se que as categorias de “homem” e “mulher” têm sido só moldadas por expectativas culturais, linguísticas e institucionais que definem, desde cedo, como os corpos devem agir, vestir-se, sentir e existir. Nesse processo, escolas, mídias e estruturas familiares funcionam como dispositivos de normalização por pressionarem sujeitos a se enquadrar em modelos pré-fabricados de identidade. Esse discurso reproduz um preconceito histórico e naturalizado, pois, de acordo com a escritora Helena Vieira, é preciso denunciar o caráter normativo dessas definições, já que pessoas trans e não binárias não rompem com a natureza, mas elas revelam que o que chamamos de natural sempre foi político. Assim, o transfeminismo não apenas questiona o gênero como destino, mas também desarticula o pacto de silêncio que sustenta a exclusão de corpos dissidentes.

### Parágrafo de FPzinha (denunciem pirataria por favor)

**Tema:** A identidade de gênero como construção política e histórica

**Com base nesse cenário, observa-se que reduzir a identidade de gênero à biologia é ignorar que o que se entende por “masculino” ou “feminino” não nasce com o corpo, mas com a cultura que o nomeia.** Isso ocorre, pois ainda se percebe, no Brasil, a manutenção de uma visão social essencialista (de que pessoas possuem características imutáveis que definem sua essência) ao naturalizar a diferença entre os gêneros e ocultar o fato de tais categorias serem historicamente produzidas e politicamente mantidas por instituições as quais moldam subjetividades desde a infância, como a escola, a família, a religião e a mídia. Essa questão é preconceituosa e equivocada, pois, de acordo com a filósofa Judith Butler, o gênero não é uma essência estável, mas um ato reiterado de obediência a normas que definem quais existências são legitimadas e quais são marginalizadas. A partir disso, a escritora brasileira Helena Vieira aprofunda essa crítica ao afirmar que corpos trans não rompem com a natureza, mas com a ilusão de que a natureza jamais foi construída. Assim, compreender o gênero como artefato histórico e dispositivo de poder não é apenas um exercício teórico, é um gesto político urgente diante de estruturas que insistem em transformar a pluralidade em erro e a dissidência em invisibilidade.

### Parágrafo de FPzinha (denunciem pirataria por favor)

**Além disso, é fundamental entender que a marginalização de pessoas trans ultrapassa o campo da linguagem e da visibilidade e se apresenta nas estruturas formais da sociedade que deveriam garantir direitos, cidadania e proteção.**

Isso acontece, porque o Estado, as escolas, os serviços de saúde, os sistemas legais e as políticas públicas foram historicamente moldados para reconhecer apenas identidades cisgênero como padrão legítimo (por mais que muitas políticas públicas estejam sendo efetivadas nos últimos anos). Essa exclusão não decorre apenas do preconceito individual, mas de uma lógica estrutural apoiada na cismotividade, ou seja, na suposição de que todas as pessoas são, ou deveriam ser, cisgênero. Esse modelo está embutido nas leis, nos documentos oficiais, nas rotinas escolares e no funcionamento de mu-

tas instituições públicas e fazem com que identidades trans precisem se justificar para acessar seus direitos básicos constitucionais. Essa exclusão simbólica e estrutural se traduz em dados alarmantes: segundo a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), o Brasil registrou, em 2023, 145 assassinatos de pessoas trans, mantendo-se como o país que mais mata essa população no mundo pelo 15º ano consecutivo. Dessa forma, nota-se que a cismotividade, infelizmente, funciona como um dispositivo de morte seja ao negar direitos básicos, seja ao silenciar vidas inteiras sob o pretexto da "normalidade". Por isso, é preciso reformular as instituições para que deixem de operar como instrumentos de exclusão e passem a reconhecer e garantir, de forma efetiva, os direitos das pessoas trans. Caso contrário, a visibilidade se torna apenas uma vitrine, enquanto a vida continua sendo negada na prática.



## IDEIAS COM BASE NAS OBRAS DE HELENA VIEIRA:

- \* “Não basta caber na vitrine da representatividade: é preciso ocupar a prateleira onde se escolhe o que pode ser contado.”
- \* “Corpos dissidentes não pedem licença: eles criam gramáticas próprias em que a norma só sabia impor silêncio.”
- \* “A identidade não é um ponto de chegada, mas um caminho aberto entre o desejo e a política.”
- \* “Quando a linguagem exclui, o corpo responde: inventa outra fala, outro gesto, outro mundo.”
- \* “Ser visível não garante existência, só quando se pode narrar sua própria história é que o indivíduo deixa de ser objeto e passa a ser sujeito.”
- \* “A luta por reconhecimento não termina no espelho: ela começa quando a imagem reflete poder, e não só presença.”
- \* “A voz que vem das margens não ecoa apenas por sobre-vivência, mas para desorganizar os centros do discurso.”
- \* “A literatura de corpos trans não é só escrita: é gesto de resistência política, em que viver já é insubmissão.”
- \* “Entre o silêncio imposto e o grito possível, é urgente abrir caminho: o corpo fala, a palavra treme e o mundo se reescreve.”
- \* “O corpo é texto insurgente, e quem escreve desde a margem não quer apenas ser lido, quer virar página.”

## ⭐ DICAS DE OURO (OS TÓPICOS AINDA MAIS DETALHADOS):

### Sugestão de Tópicos frasais mais amplos e versáteis sobre identidade e gênero:

#### 1. A identidade de gênero como construção política e histórica

Reducir a identidade de gênero à biologia ignora o fato de que o que se entende por “masculino” ou “feminino” é, antes de tudo, uma produção social sustentada por discursos de poder.

#### 2. A cismotividade como estrutura excluente

A naturalização da cisgênero como padrão universal produz um sistema excluente que deslegitima corpos dissidentes e silencia outras formas legítimas de existir.

#### 3. A exclusão institucional de pessoas trans e não binárias

A exclusão de pessoas trans não se limita ao preconceito individual, mas está enraizada em instituições que regulam identidades por meio de normas binárias e documentos que fixam o gênero como destino.

#### 4. O papel da linguagem na legitimação das identidades

A linguagem, longe de ser neutra, atua como ferramenta de controle simbólico, ao estabelecer quais identidades são reconhecidas e quais permanecem fora do discurso.

#### 5. Interseccionalidade: gênero, raça e classe

As opressões de gênero não se manifestam de forma isolada, mas se entrelaçam com marcadores como raça e classe, exigindo um olhar interseccional que reconheça a complexidade da exclusão.

#### 6. Representatividade e identidade política

A representatividade simbólica, quando desvinculada da redistribuição de poder, corre o risco de transformar a diversidade em estética e não em transformação social.

#### 7. O corpo como território de disputa política

O corpo, especialmente o corpo trans e racializado, não é apenas matéria, ele é também discurso, símbolo e território onde se travam disputas de reconhecimento, dignidade e cidadania.

#### 8. A falsa naturalização do gênero como barreira ao reconhecimento

Tratar o gênero como essência biológica é uma estratégia política que deslegitima experiências que não se enquadram nos modelos fixos de masculinidade e feminilidade.

#### 9. O papel da escola na reprodução (ou desconstrução) das normas de gênero

A escola, enquanto espaço de formação subjetiva e social, tem responsabilidade direta na reprodução (ou na superação) das normas de gênero que marginalizam identidades dissidentes.

#### 10. O transfeminismo como força reorganizadora do debate social

O transfeminismo não apenas amplia a pauta feminista, ele propõe uma reconfiguração radical do que entendemos por corpo, sujeito e política.

*Estamos juntos nessa!*



CURSO  
**FERNANDA PESSOA**  
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.